

MARIA LÚCIA DAL FARRA *VERSUS* RUI GUEDES: MAIS DO QUE UMA QUERELA FLORBELIANA¹

MARIA LUCIA DAL FARRA AGAINST RUI GUEDES: MORE THAN A FLORBELIAN QUARREL

Fabio Mario da Silva²

RESUMO: De julho de 1986 a julho de 1995 travou-se, através de jornais e publicações acadêmicas, uma polêmica em torno de Florbela Espanca e sua obra, protagonizada por Maria Lúcia Dal Farra e Rui Guedes e que demonstra não apenas um certo tipo de queixa, mas revela posições ideológicas e preconceituosas, por parte de Guedes, como demonstraremos mais detalhadamente. Contudo, apresentaremos, antes, um esboço biográfico dos envolvidos nessa polêmica.

Palavras-chave: Maria Lúcia Dal Farra, Rui Guedes, crítica literária, Florbela Espanca.

ABSTRACT: Between July 1986 and July 1995, there was a public dispute, carried out in the press and in academic publications, centring on Florbela Espanca and the publication of her complete works. The two main protagonists were Maria Lúcia Dal Farra and Rui Guedes. The unfolding controversy exemplifies not merely an academic complaint, but simultaneously revealed ideological and prejudiced positions on the part of Guedes, as this article will demonstrate in more detail. But first a biographical sketch of the parties involved is necessary.

Keywords: Maria Lúcia Dal Farra, Rui Guedes, criticism literary, Florbela Espanca.

A Professora Doutora Maria Lúcia Dal Farra, com titularidade em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal de Sergipe, consultora *Ad Hoc* do CNPq, ex-professora da USP, da UNICAMP e da Universidade da Califórnia (Berkeley) é um nome consolidado do ensino universitário no Brasil e um nome frequente, citado em muitos trabalhos acadêmicos no exterior. Suas publicações tornaram-se referências em vários concursos de agregação e provas de acesso a cursos de pós-graduação, como, por exemplo, *O Narrador ensimesmado: o foco narrativo em Vergílio Ferreira*

¹ Artigo recebido em 14 de agosto de 2019 e aceito para publicação em 24 de novembro de 2019.

² Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/CLEPUL - Universidade de Lisboa



(Ática, São Paulo, 1978) – leitura obrigatória na seleção para o mestrado na área de estudos literários da Universidade Estadual da Paraíba, em 2012 – ou *Florbela Espanca. Trocando Olhares* (Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa, 1994, sua tese de titularidade) – obra obrigatória para as provas de agregação na Universidade de Paris, em 2002. Lançou *Florbela Espanca. Perdidamente. Correspondência amorosa* (Porto: Quasi/Câmara Municipal de Matosinhos, 2008), além de sua tese de doutorado sobre a poesia de Herberto Helder (1979), publicada em livro em 1986 pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda em Lisboa - o *Alquimia da Linguagem*. Desde 1984 escreve sobre Florbela e possui 7 livros sobre a poetisa, dois deles publicados em Portugal.

Em 2019, a sua correspondência com o escritor Vergílio Ferreira veio a lume pela Universidade de Évora e editora Âncora de Lisboa (est. e posfácio dos Profs. Drs. Elisa Esteves e João Tiago Lima, e apresentação da Profa. Dra. Ana Luísa Vilela), sendo que a sua correspondência com Herberto Helder foi depositada na Universidade da Madeira (Portugal). Contudo, em 2012 foi revelado para o grande público uma outra faceta desta crítica que agora se afirma, definitivamente, como escritora, mais especificamente: a poetisa. Apesar de já ter publicado dois livros de poesia anteriormente – *Livro de Auras* (Iluminuras, São Paulo, 2002) e *Livro de Possuídos* (Iluminuras, São Paulo, 2002) – e um de ficções – *Inquilina do Intervalo* em 2005 –, é em 2012 que Maria Lúcia Dal Farra ganha projeção nacional, e em todo o mundo lusófono, quando foi galardoada com o prêmio Jabuti na categoria de melhor livro de poesia do ano, com a obra *Alumbramentos* (Iluminuras, São Paulo, 2012). Mais recentemente, em 2017, ela publicou outro livro de poemas, o *Terceto para o fim dos tempos*.

O empresário e animador de TV, Rui Guedes, nascido em 1946 e falecido em 2001, foi um profissional de comunicação da Televisão portuguesa, destacando-se também como pianista. Em 1979 começou a apresentar o programa *Topo Gigio* na RTP e *A Visita da Cornélia*, também participando como coprodutor de peças teatrais e produzindo discografia com Eunice Muñoz, ao lado de quem musicou poesias de Florbela Espanca. Foi vice-presidente da assembleia geral da sociedade portuguesa de autores. Publicou diversas obras, em parceria ou individualmente, como, por exemplo, *Sport Lisboa e Benfica. Fotobiografia*, de 1987, pela Dom Quixote; *Almada Negreiros. Obra Plástica*, de 1993, pela Bertrand; e



Companhia das Índias. Porcelanas, de 1995, pela Bertrand Editora, em parceria com Martim de Albuquerque.

Contudo, é com a publicação da obra de Florbela Espanca que o empresário e *show man* da TV portuguesa vai se destacar nacional e internacionalmente, com a edição do que ele chamaria de a *Obra Completa de Florbela Espanca*, com inéditos e estudos introdutórios, todos os volumes publicados pela Dom Quixote, primeiramente cinco volumes seguidos, em 1985: *Obras Completas de Florbela Espanca*, todas com recolha, leitura e notas de Rui Guedes, prefácio de José Carlos Seabra Pereira, nota filológica de Luís Fagundes Duarte e texto atualizado por Maria Teresa Moya Praça - vol. I, *Poesia (1903-1917)*, vol. II, *Poesia (1918-1930)*, vol. III, *Contos*, vol. IV, *Contos e Diário* - e um último, também de 1985, de total responsabilidade de Rui Guedes, a *Fotobiografia de Florbela Espanca*. E em 1986 os últimos volumes: *Obras Completas de Florbela Espanca*, vol. V, *Cartas (1906-1922)* e vol. VI, *Cartas (1923-1930)*, bem como uma obra que Rui Guedes intitula *Acerca de Florbela. Biografia, Bibliografia, Apêndices, Discografia, Índice Remissivo Geral*.

Para publicar tais obras, Rui Guedes, primeiramente, segundo diz numa entrevista de 1985 no *Expresso* a Clara Alves Ferreira, depara-se com uma oferta feita por um neto de um cunhado de Florbela a lhe oferecer os manuscritos, depois sai à procura de familiares, parentes, amigos, pessoas próximas aos ex-maridos de Florbela Espanca e os convence a ceder, doar ou vender os materiais encontrados, bem como conversa sobre essas pessoas sobre a Florbela poetisa e cidadã. Percorre de norte ao sul de Portugal, bem como bibliotecas, chegando a possuir o valioso espólio da autora, para quem faz uma grande propaganda, através dos seus contatos com a imprensa. Desta forma, narra assim Clara Alves a descoberta desses manuscritos inéditos, numa praia do Algarve:

Na praia, um rapaz empoleirado numa prancha de 'windsurf' reconhece-o e pergunta-lhe se era ele mesmo Rui Guedes o tal do disco da Florbela. A seguir, oferece-lhe, para venda, uma série de inéditos da poetisa que garante estarem em sua posse. Incrédulo, Rui Guedes aceita verificar a autenticidade da proposta. E a proposta era verdadeira. E o rapaz era neto de um cunhado de Florbela, aquando do seu casamento com António Guimarães, e fora a sua avó (...) que guardara, durante 60 anos, no sótão de uma



casa do Porto, os manuscritos de Florbela. (1985, p.30)

Assim, para Clara Alves, “Rui Guedes repõe a verdade dos factos, com humildade e preito de homenagem. Não opina. Por vontade própria limita-se a narrar” (1985). Contudo, em entrevista dada a Maria Lúcia Dal Farra (1985, p.58), segundo consta em seu relatório apresentado à Fundação Calouste Gulbenkian, Rui Guedes afinal teria trocado os manuscritos inéditos de Florbela por uma prancha de windsurf, o qual irá vender por preço astronômico ao Estado Português, conservando para si o direito de publicá-lo.

Assim, através das suas narrativas e da especulação que levanta acerca do dito espólio, Guedes açula polêmicas e divulga, por antecipação, a sua aclamada edição que estava por sair e a qual, inicialmente, fora oferecida à Imprensa Nacional/Casa da Moeda, que, no entanto, desiste da empreitada. E é a Dom Quixote que, por fim, há de editá-la.³

O embate entre Dal Farra e Rui Guedes começa no ano de 1986 quando a *Colóquio Letras*, no número 92, publica três resenhas seguidas sobre a edição da *Obra Completa de Florbela Espanca*. Há um texto assinado por Silvina Rodrigues Lopes, sobre os volumes I e II da *Poesia*; Maria Lúcia Dal Farra assina outros dois: um sobre os volumes III, dos *Contos*, o IV dos *Contos e Diário*, e um outro, sobre a *Fotobiografia*.

Vejamos: Silvina Lopes faz uma descrição e comentário à edição destacando os nomes académicos de Maria Teresa Moya Praça, Fagundes Duarte e José Carlos Seabra Pereira, validando, assim, a importância da edição aos três estudiosos que a encabeçam e não ao organizador geral, Rui Guedes. Lopes, entretanto, não tece conjecturas sobre a organização e disposição dos poemas e dos projetos florbelianos ali mencionados, mas faz suas próprias análises sobre a poesia de Florbela que ali se encontra, afirmando que, à luz dessa poesia, poderemos responder o “que é o amor”: “A poesia de Florbela não se organiza a partir de uma intelectualização, consciência da distância, mas da excessiva proximidade que a ficção do amor transforma em ficção da proximidade e a escrita em acesso ao diferente e comumente” (1986, p.82). Assim, a tarefa de análise acurada sobre as edições das poesias de Florbela Espanca só vem a lume por Maria

³ Fato revelado a Maria Lúcia Dal Farra em carta de 17 de janeiro de 1986 e que hoje faz parte do espólio da Biblioteca Geral da Universidade de Évora.



Lúcia Dal Farra que a assume para si, não numa recensão, mas num artigo, publicado dois anos após a recensão da *Colóquio Letras*, em 1988, no *Caderno de Teoria Literária* da UNESP, que homenageava Florbela Espanca.⁴

Maria Lúcia Dal Farra revela como Rui Guedes toma como seu o trabalho de recolha, leitura, notas, disposição dos poemas, atribuição de datas e projetos florbelianos, ressaltando que a restante equipe da edição (Fagundes Duarte, Maria Teresa Moya França, José Carlos Seabra Pereira) realizou o seu trabalho a partir do material fornecido por Guedes, sem, no entanto, ter acesso aos documentos originais. Assim, Guedes “não publica o manuscrito tal como ele existe ou tal como ele está constituído, mas publica-o *refeito*, ao sabor de suas próprias convicções” (1988, p.94, itálicos da autora), aludindo que, para ter vantagem na vendagem dos exemplares, que reverteu em benefício financeiro a Guedes, produziu-se uma campanha para que sua edição se tornasse um *best-seller*, principalmente devido a Florbela estar atraindo a curiosidade dos leitores e, portanto, tornando-se popular. A edição de Guedes então é feita, como aponta Dal Farra, a partir de informações subtraídas, deslocadas ou mal interpretadas, datas infundadas, e de equívocos vários, razão pela qual chega à conclusão de que “o empresário torna absolutamente *infundadas* quaisquer conjecturas ou explicações que o leitor ou crítico pretendam fazer sobre a natureza deste manuscrito” (1988, p.94, itálicos da autora).

Dal Farra continua suas reflexões abordando agora uma questão de ordem ética e “marcadamente moral”, quando, nas suas reflexões, Rui Guedes afirma que Raul Proença “mexeu” e alterou os versos de Florbela, atribuindo a ele toda e qualquer responsabilidade por qualquer interferência alheia ou autógrafa, mesmo havendo outras caligrafias, fatos não condizentes com a sabida idoneidade de Proença. O fato é que Proença, por verificar que o manuscrito já continha “diferentes apreciações e não pretendendo que aquelas se confundissem com as suas, grafou, à margem dos poemas e a lápis, os seus comentários, numa demonstração de respeito pelo objeto alheio” (1988, p. 104). Ou seja, Maria Lúcia Dal Farra, uma das

⁴ Encontramos nessa obra pioneira sobre Florbela Espanca no Brasil, além do estudo de Maria Lúcia Dal Farra, uma apresentação feita por Zina Bellodi Silva, “Poemas de Florbela Espanca – tradução para o inglês de D. Nina Haas” e “Florbela Espanca traduzida” ambos assinados por Maria Magaly Gonçalves; “Uma grande poetisa” de António Ferro; “Sobre Florbela Espanca” de Maria Aliete Galhoz; “Florbela Espanca” de Zina Bellodi Silva e “Bibliografia sobre Florbela Espanca” de Carlos Alberto Iannone.



poucas estudiosas no mundo que já vinha seguindo e pesquisando a obra de Florbela, é que observou todos os problemas da referida edição de Guedes – e isso porque conhecia e se debruçara sobre o espólio tal como fora depositado na Biblioteca Nacional.

Contudo, voltando à *Colóquio Letras* de 1986, Dal Farra repara como os contos, diário e fotobiografia são organizados, ressaltando as achegas importantes feitas pelos estudos de José Carlos Seabra Pereira, e chegando àquela que teria sido a real intenção de Guedes com as suas edições:

tal como se fez, não fica disfarçado sequer o intuito meramente empresarial e sensacionalista que tenho apontado. Pergunto-me, em vista disto, qual foi o critério ético utilizado para se conhecer e respeitar a *vontade* da poetisa, cujo teor as suas obras publicadas em vida certamente indicam (1986, p.89, itálicos da autora)

Demonstra também que na *Fotobiografia* encontramos uma lição de anatomia que devassa não apenas a vida da autora, mas a sua integridade física. A edição orgulhosamente reproduz “metade do maxilar inferior” e “pedaços do cabelo de Florbela”, restos mortais pertencentes ao Grupo Amigos de Vila Viçosa, doados aquando da transladação dos restos mortais de Matosinhos para Vila Viçosa e guardados na sede do Grupo. Sobre a *Fotobiografia*, Aurélia Borges, que foi aluna e discípula de Florbela, revela em 17/01/1986, numa carta enviada a Maria Lúcia Dal Farra, carta que hoje faz parte do espólio da Biblioteca Geral da Universidade de Évora, que “A fotobiografia (em que eu quase involuntariamente colaborei...) traz a curiosidade de reunir elementos fotográficos que andavam dispersos. Nela conhecemos várias “poses” de Florbela e dos seus familiares e amigos”. Borges ainda continua discorrendo sobre o mesmo assunto em carta de 15 de outubro de 1986, na qual revela que Rui Guedes se aproveitou de uma entrevista que ela concedeu para deturpar fatos:

E sabe o que também me revoltou e revolta? É que da minha ingênua entrevista com o Sr. Rui Guedes ele tenha extraído (eu diria que quase a minha revelia) não só material para o seu trabalho como a apropriação do meu nome para o vincular ao mesmo com o pretexto de me fazer “agradecimento público”! Porém espero que a minha saúde, vida e vista ainda



me permitam vir a pôr “os pontos nos iis. (BORGES, carta, s.p)

Por fim, acrescenta, em carta de 10 de setembro de 1989 que está totalmente de acordo com as críticas de Dal Farra ao trabalho de Rui Guedes:

Creia, querida amiga que estou totalmente de acordo com tudo o que diz sobre a malfadada edição do Rui Guedes, lamentando que, à minha revelia, ele lhe tenha associado o meu nome – o que nem sequer me ocorreu que ele faria depois da conversa longa e um tanto dura e intransigente que eu tivera com ele – que foi tão hábil que me arrebatou informações quase sem eu dar por isso, até a foto que reproduz na “fotobiografia” (a única de Florbela que conseguiu da época que lhe interessava e que fotografou aqui mesmo, em minha casa, de um pedaço que eu conservava e já tão desbotada que nunca pensei que desse o que deu: melhor que o original. (BORGES, carta, s.p)

Voltando ao embate em torno de Florbela, notamos que tais recensões de Dal Farra tiveram eco ainda no mesmo ano, em outubro de 1986, no *Diário de Lisboa*, em cujo veículo Luís Miranda Rocha tece considerações sobre a Florbela revelada na *Colóquio Letras*, sem resvalar, porém, na recensão de Silvina Rodrigues Lopes, mas apenas citando o texto de Maria Lúcia Dal Farra como um “ataque” e “forte” como antes não tinha se visto em Portugal – sobretudo porque a revista em causa não possui tal índole! -, elucidando a abordagem da especialista e referindo que o próprio Rui Guedes teria a noção das suas limitações ao convidar três professores universitários, sobretudo para prevenir-se, concluindo que “a nós, no que vimos, surpreendeu-nos um tanto o elogio da obra (de Rui Guedes) que Seabra Pereira e Fagundes Duarte aí fazem, como se isso fosse, entre outras coisas, necessário. E talvez fosse.” (1986, p.7).

Um ano após essas recensões é publicado, também na *Colóquio Letras*, no número 99, de 1987, outras duas recensões das restantes obras que ficaram por publicar, as cartas e uma obra intitulada por Guedes de *Acerca de Florbela Espanca*. Dal Farra inicia sua crítica apontando as alterações feitas por Guido Battelli na primeira edição publicada sobre as cartas de Florbela, em 1931, elucidando que das 184 cartas – dos 2 volumes publicados por Guedes – só “8 postais e 14 cartas de Florbela, além de 6



cartas a ela referentes, não tinham sido publicadas! Mas ao leitor não se dá nunca esta informação” (1987a, p.109). Ela ressalta, então, um aspecto positivo da obra:

o mérito desta recente edição das *Cartas* é, portanto, o de oferecer ao leitor a comodidade de poder seguir toda esta correspondência cronologicamente reunida em dois volumes (...). Mas o leitor não tem sequer ideia da procedência deste material, pois que nenhuma referência disto lhe é prestada, tão-pouco nas notas, o que é, no mínimo, desatenção para com aqueles que forneceram tais documentos. (1987a, p.110).

Por fim, sobre o *Acerca de Florbela Espanca. Biografia, Bibliografia, Apêndices e Discografia*, Dal Farra entende que é deveras útil uma biografia sobre a poetisa. Contudo, repara que a ausência de critérios acaba por apontar muitos problemas, desde a sequência da ordenação dos fatos e referências incompletas até gralhas, equívocos e readaptações, ressaltando que essa Biografia pouco acrescenta às informações contidas nas várias explicações preliminares. Maria Lúcia Dal Farra segue bem enfática ao criticar as leviandades levantadas por esta suposta biografia, como, por exemplo, a respeito do terceiro marido de Florbela, Mário Laje, e a possível homossexualidade dele. Relembra até o volume dos poemas esparsos no qual Guedes publica um poema de Américo Durão afirmando ser de Florbela, razão pela qual a pesquisadora conclui que esta obra acaba por reproduzir “tanto uma mesmice quanto um desencontro de informações, de maneira que o leitor só estará seguro se for às fontes originais”. (1987b, p.112).

Passados quase 10 anos após a primeira recensão de Dal Farra, em 3 de dezembro 1994, no jornal o *Público*, encontramos o desdobramento das recensões da *Colóquio Letras*, mesmo ano da publicação do trabalho de titularidade e aquele que consideramos ser o principal e mais importante estudo sobre Florbela escrito até hoje, o *Trocando Olhares*, edição da Imprensa Nacional/Casa da Moeda em Lisboa, que não é apenas uma aula sobre os nascentes projetos poéticos de Florbela, mas uma verdadeira lição de como se trabalhar com manuscritos-base de autores e como revelar os meandros e quais caminhos seguir para esse tratamento, do ponto de vista tido como o mais objetivo, ou seja, o da



edótica. O livro lançado trazia na sua “Apresentação” as justificativas por se considerar expressamente como um ato público de repúdio à referida publicação do empresário português Rui Guedes, visto que a estudiosa tivera

acesso não só aos importantes inéditos de Florbela, como também aos meandros comerciais impostos a essa obra que, na nomenclatura condizente de mercadoria exposta à venda, se transsubstanciava em cota de bolsa, no centro de uma argumentação que especulava sobre a vantagem em se adquirir por tal preço um manuscrito completo que, uma vez desmembrado, poderia atingir, em contrapartida e na praça, a média de tanto por folha. (1997, p.11)

Também motivos éticos eram acionados. Segundo Dal Farra, a tal “edição idiossincrática” acusava

um intelectual da altura, dignidade e integridade de Raul Proença, de ter “mexido”, como diz, nos versos da Poetisa, enquanto, tendenciosamente, o empresário escondia, na `transcrição` que elaborara de *Primeiros Passos* (o pequeno manuscrito que Florbela enviara ao republicano), a existência ali de pelo menos quatro diferentes interferências caligráficas (uma das quais assinada por `Luís`) e malgrado o facto de os pareceres de Proença se acharem todos (premonitória e) convenientemente rubricados. (1997, p.12-13)

Nesse mesmo ano, após o sucesso estrondoso e das reedições das obras de Rui Guedes, a editora Bertrand publica a *Poesia Completa* da autora, sob organização e notas de Rui Guedes.

Assim, no *Público* encontramos um primeiro texto assinado por José Carlos Seabra Pereira, contendo ao lado do seu ensaio, o valor monetário das duas edições e as suas respectivas capas, e uma comparação das duas edições observando linhas divergentes e creditando o contributo imprescindível de Dal Farra para uma futura edição crítica da obra florbeliana, avaliando as recensões e o seu citado artigo publicado pela UNESP. O texto de Seabra Pereira concorda com a indicação dos lapsos indicados por ela presentes na edição de Guedes: “a professora brasileira, aludindo os conteúdos problemáticos da edição, erro que Rui Guedes parece repetir nessas poesias completas” (Pereira, 1994, p.6). Contudo, no



artigo anterior, na página 4 do mesmo periódico, intitulado “Florabela Espanca, 100 anos depois. Uma História Banal...”, assinado por Carlos Câmara Leme, e que reproduz ali uma entrevista com Rui Guedes e as opiniões de Fagundes Duarte, vemos um ataque que parece ser direcionado à visão crítica de Maria Lúcia Dal Farra, mas que tenta camuflar, certamente, todo um argumento preconceituoso, que revela como uma visão eurocêntrica se sente em relação a uma mulher intelectual e brasileira.

Carlos Leme fala do futuro congresso sobre Florabela na Universidade de Évora, *A Planície e o Abismo*, de uma medalha comemorativa dos 100 anos do nascimento de Florabela, feita pelo artista plástico Espiga Pinto. E também recorre aos estudos de Maria Lúcia Dal Farra, cuja voz afirma que a tão aclamada *Obra Completa de Florabela Espanca*, saudada por boa parte da imprensa, acabou por ludibriar o público, expondo a manobra comercial de Guedes para vender os manuscritos por altas cifras. Assim, Leme confere tal especulação monetária com o então ex-diretor da Biblioteca Nacional, João Palma-Ferreira, que, inicialmente, não tinha concordado com o valor proposto por Guedes, que teria pedido cerca de 15 mil contos, segundo o empresário, o mesmo valor oferecido por universidades americanas, de que não lembrava o nome, e acabou sendo vendido por 6 mil contos à Biblioteca Nacional de Portugal. Por isso, o jornalista pede a Rui Guedes que responda sobre as críticas que lhe foram feitas:

Em caso nenhum, vou entrar em diálogo ou discussão com uma mulher que me ataca apenas porque eu, mas sobretudo Natália Correia [que já tinha falecido há anos] muito discordamos daquilo que ela já tinha escrito na *Colóquio Letras* (...) A revanche dessa senhora não me merece, pois, nenhuns comentários. (...) Tenho, por outro lado, a consciência de que se não fosse eu essa brasileira não tinha assunto para escrever. Não conheço nenhum trabalho dela anterior ao meu. (Guedes apud Leme, 1994, p.4).

Rui Guedes segue uma linha de desdém e de subvalorização do trabalho investigativo de Maria Lúcia Dal Farra, referindo-se a ela como “brasileira” ou “senhora”, demonstrando a xenofobia e a misoginia em sua fala, aludindo desconhecer o trabalho de uma professora já com carreira consolidada no Brasil nos anos 80 e com trabalhos importantes publicados sobre escritores portugueses, como Vergílio Ferreira e Herberto Helder, e



parece que ignorada por alguns em Portugal. Ou seja, Guedes esquece ou simula desconhecer por completo todos os lapsos apontados por Maria Lúcia nos textos que produziu sobre Florbela até então, e se vale de utilizar o nome de Natália Correia, já falecida, para validar o seu desdém. Natália Correia – que conhecia bem a investigadora por laços de cumplicidade florbeliana, e a quem convidara para os sets da filmagem do seu roteiro para tv sobre *Florbela Espanca*, em Évora e Vila Viçosa, em 1985, integrado à série “Mátria”, sob a direção de Dórdio Guimarães.

Seguindo a mesma linha de ataque, agora com um tom menos evasivo e mais enfático, a partir de um discurso acadêmico consolidado há anos, Luís Fagundes Duarte credita ao trabalho de Rui Guedes o pioneirismo, apesar de admitir que ele “não procede da melhor maneira e toma decisões que não aconselharia” (apud Lemos, 1994, p.4); e em tom irônico desacredita o trabalho e o nome de Dal Farra, ao afirmar que “Não conheço essa professora, que será sem dúvida uma pessoa muito importante lá em Aracaju, no Sergipe, mas conheço-me a mim e ao meu trabalho” (apud Lemos, 1994, p.4). Alude também a tomada de decisão crítica da mesma em relação ao projeto florbeliano intitulado “Alma de Portugal”, afirmando que Dal Farra, ao mesmo tempo que acusa Guedes de fazer montagem idiossincrática, também comete lapsos críticos. Segundo ele, Dal Farra

Confessa, sem dúvida poeticamente, que assentou num terreno incerto e movediço sobre a viabilidade de existência de um projecto poético, que seria o livro ‘Alma de Portugal’, do qual, no entanto, não existe qualquer plano explícito nos papéis da autora. (...) a investigadora brasileira chega ao ponto de inventar um título, a partir de duas versões autógrafas de um projecto de livro incluídas no caderno ‘Trocando Ollhares’, para ‘o conjunto: ‘Minha terra, Meu Amor’. Dal Farra defende no seu livro que se restringiu ‘apenas a conferir-lhe este título, que resulta tão-somente de fusão dos subtítulos de suas duas secções mediante uma simplificação eufônica. (Duarte apud Lemos, 1994, p.4).

A réplica de Dal Farra vem meses depois, em julho de 1995, pedindo o direito de resposta no mesmo periódico, ressaltando que se sente surpreendida pelo empresário Rui Guedes – passado quase nove anos do falecimento da notável escritora Natália Correia, que prefaciou o *Diário do*



último ano de Florbela – a invoque para a sua discordância. Ela refere, mais uma vez, todos os equívocos, as afirmações infundadas e problemáticas das edições de Guedes e a maneira muito peculiar que se usa para nomear a professora e pesquisadora, identificando-a como “uma mulher”, “essa senhora”, “essa brasileira”, tratamento revelador de um ranço machista e xenófobo. Em relação a Fagundes Duarte, responde à sua crítica, lembrando como pode um crítico levantar suspeitas de seu trabalho se ainda não o conhecia na sua totalidade (visto que o seu trabalho, *Florbela Espanca. Trocando Olhares* - ao qual aquele se remontava -, ainda se encontrava no prelo) e demonstrando todo o arsenal xenófobo lançado contra o Brasil, em especial contra Sergipe, ao afirmar que Dal Farra só seria conhecida em Aracaju. Assim, Maria Lúcia responde a Guedes e a Fagundes Duarte:

O terreno incerto e movediço sobre o qual me movimento não é, como supõe ele, uma confissão que faço ‘poeticamente’, mas uma realidade muito objectiva. Se as existentes fontes primárias e secundárias fossem suficientes, eu não teria tido o cuidado e nem a necessidade de intitular toda a primeira parte do meu trabalho de ‘Cogitações sobre o manuscrito’. Assim, nas especulações que teço sobre o projecto ‘Alma de Portugal’, trata-se efectivamente de ‘um título à procura’, não de ‘livro’, como ele diz, mas de poemas que configurem a descrição literária que Florbela deles fornece na carta em que minucia o planeamento, exemplificando-os. Se o professor tivesse lido com atenção o meu estudo (mas ele ainda estava no prelo!) ter-se-ia dado conta de que recorro a análises de cariz conteudístico-formais, método ditado pelos poemas arrolados na carta da Poetisa, e não, como afirma, a análises ‘psicoliterárias’. Considero leviandade intelectual ‘traduzir’ um método por outro e, na melhor das hipóteses, pronunciar-se sem conhecimento de causa (...) Como se constata, o professor trata-me implicitamente de ‘provinciana’; o empresário, também implicitamente, de ‘menor de idade’, visto que dada a ‘revanches’ e com quem não se permite, como o revela Câmara Leme, ‘entrar em diálogo ou discussão’, pondo nisso um ‘ponto final’. (1995, p.17)

O que podemos observar ao analisar esses discursos é que a produção em torno de Florbela e dessas duas edições, de Guedes e de Dal Farra, são reveladoras não apenas de uma querela florbeliana, e



desembocam não num diálogo intelectual, mas apontam para preconceitos demonstrados contra brasileiros e mulheres. Percebemos, na fala de Guedes e de Duarte, um discurso rancoroso, jocoso e de desprezo pelo trabalho intelectual, bem como uma demonstração de inferiorização apoiada, primeiramente, na tentativa de diminuir a intelectualidade através do sexo (uma “senhora”, uma “mulher”), dentro daquela linha misógina de pensamento, que supõe as mulheres produzirem o que é sempre diminuto, sobretudo uma “mulher” que, como Dal Farra, não reside numa considerada grande metrópole e que, por isso, estaria à margem da produção ou do conhecimento acadêmico avançado. Tenta-se demonstrar, com um discurso técnico, no caso de Fagundes Duarte, uma desconfiança crítica em relação às cogitações de Maria Lúcia sobre o projeto florbeliano de “Alma de Portugal”, na tentativa de demonstrar a sua superioridade intelectual e europeia, fato contestado e rebatido pela pesquisadora florbeliana.

E, tal como Florbela, mesmo em épocas diferentes, Maria Lúcia enfrenta os mesmos dissabores por que passou a poetisa portuguesa, em relação ao reconhecimento do seu trabalho, no enfrentamento de preconceitos e pelo fato de serem, ambas, mulheres escritoras, que retiram da posse masculina a potência simbólica da escrita, da reflexão crítica e do debate literário.

Maria Lúcia Dal Farra então toma para si a responsabilidade em estabelecer as primeiras e principais linhas importantes de pesquisa da obra de Florbela, tornando-a cada vez mais reconhecida e estudada numa academia que muitas vezes a olhava com desconfiança, por ser uma mulher e por isso só “cantar o amor.”⁵

É com Florbela então que Maria Lúcia, apesar de ter uma produção significativa nos estudos portugueses, se consolida como um grande nome da pesquisa florbeliana, tendo a sua voz reconhecida maioritariamente em Portugal, a despeito do que afirmaram Guedes e Duarte. Assim, Florbela compartilha com Maria Lúcia a desconfiança e o reconhecimento, mesmo que ambas juntas, de mãos dadas, tentem

⁵ Massaud Moisés, em seu estudo *Literatura Portuguesa Através dos Textos*, refere-se a Florbela como à semelhança de toda a mulher que faz versos, como uma “cantora do amor”: Vê-se que pode ser aproximada [Florbela Espanca] dos grandes sonetistas da língua (...), embora deles difira numa série de pontos (resultantes, no geral, de ser uma mulher e por isso cantar apenas o Amor.)”. (1981, p.425)



enfrentar o preconceito, visando buscar um mundo mais ético, igualitário e justo através da poesia e do trabalho acadêmico de grande envergadura.

Referências

ALVES, C. F. Florbela: o espólio da 'mulher fatal', in **Expresso**, sábado, 27 de julho de 1985, p.30-31.

BORGES, A. Cartas: 17/01/1986; 15/10/1986; 10/09/1989;02/04/1990; Amadora; aut. **Nota: uma carta tem junto desenhos de 2 selos.** Espólio da Universidade de Évora. CORR.REC.01.03.

DAL FARRA, M. L. - **Relatório de Bolsa de Pós-Doutoramento em Portugal para a Fundação Calouste Gulbenkian (de 25/11/1984 a 15/03/1985)**. Entrevistas com pesquisadores, estudiosos ou remanescentes amigos e conhecidos de Florbela Espanca. 4.14. Rui Guedes. Lisboa, 28 de abril de 1985.

DAL FARRA, M. L. Recensão: Florbela Espanca. Contos, Contos e Diário, Rui Guedes. Florbela Espanca. Fotobiografia, in **Colóquio Letras**, nº 92, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, julho, 1986, p.87-90.

DAL FARRA, M. L. Recensão. Florbela Espanca. Cartas (1906-1922), Cartas (1923-1930), in **Colóquio Letras**, nº 99, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, julho, 1987a, p. 109-110.

DAL FARRA, M. L. Recensão. Rui Guedes. Acerca de Florbela Espanca, in **Colóquio Letras**, nº 99, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, julho, 1987b, p. 111-113.

DAL FARRA, M. L. A primeira edição do manuscrito Trocando Olhares, in SILVA, Z. B. (org.). **Homenagem a Florbela Espanca**, Araraquara, UNESP, 1988, p.93-105.

DAL FARRA, M. L. Apresentação, in ESPANCA, F., **Florbela Espanca Trocando Olhares**, organização, notas e estudos de Maria Lúcia Dal Farra, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.

DAL FARRA, M. L. Direito de resposta 1, in **Público**, sábado, 1 de julho de 1995, p.11.

FERREIRA, A. M. As imagens paradas de Florbela Espanca, in **Expresso**, sábado, 28 de dezembro de 1985, p.38-39

GUEDES, R. **Acerca de Florbela**, Lisboa, Dom Quixote, 1986.

GUEDES, R. **Fotobiografia**, Lisboa, Dom Quixote, 1985.



GUEDES, R. Organização, introdução e notas, in ESPANCA, Florbela, **Obras Completas de Florbela Espanca, vol. I**, Lisboa, Dom Quixote, 1985, pp.13-23.

LEME, C. C. Florbela Espanca, 100 anos depois. Uma História Banal..., in **Público**, sábado, 3 de dezembro de 1994, p.4.

LOPES, S. R. Recensões críticas, Prefácio de J. C. Seabra Pereira das Obras Completas de Florbela Espanca por Rui Guedes, in **Colóquio/Letras**, n.º 92, junho, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, pp.86-87.

MASSAUD, M. **Literatura Portuguesa Através dos Textos**, 11ª ed., São Paulo, Cultrix, 1981.

ROCHA, L. M. Florbela em questão na 'Colóquio-Letras', in **Diário de Lisboa**, Lisboa, 18 de outubro de 1986, p.3-4.

PEREIRA, J. C. S., Um livro somos nós, eu bem o sei..., in **Público**, Lisboa, sábado, 3 de dezembro de 1994, p.6.

